

# Evidência zoológica das escavações de D. Fernando de Almeida em Idanha-a-Velha, Portugal

---

\*University College  
London, Institute of  
Archaeology  
Universidade de  
Lisboa, UNIARQ

Mariana Nabais\*  
\*\*mariananabais@gmail.com

João Profano  
joaoprofano@gmail.com

Os autores escrevem  
segundo o Acordo  
Ortográfico de 1945

**Resumo** Através do estudo da pequena colecção zoológica depositada no Museu Nacional de Arqueologia e recolhida durante as campanhas de escavação de D. Fernando de Almeida em Idanha-a-Velha, entre 1955 e 1977, verifica-se que terá tido na sua maioria uma origem antrópica. A maior parte dos elementos ósseos correspondem a animais domésticos, que deverão ter sido mantidos em núcleos familiares para consumo de carne e potencial utilização de recursos secundários, como o leite e a lã. A actividade cinegética poderá ter complementado a subsistência da população, sobretudo com recurso a animais como o veado, o coelho e a perdiz.

**Abstract** The analysis of a small zooarchaeological assemblage stored in the National Museum of Archaeology, which was recovered during the excavation work conducted by D. Fernando de Almeida in Idanha-a-Velha, between 1955 and 1977, confirmed to be of anthropogenic origin for its most part. Most bone remains are from domestic animals that may have been kept within small family groups for meat consumption and the eventual use of secondary products, such as milk and wool. Wild animals (like deer, rabbits and partridges) may have complemented the diet of the local population.

## 1. Introdução

Idanha-a-Velha é uma aldeia histórica do distrito de Castelo Branco, localizada junto ao rio Pônsul, onde outrora existiu a cidade de *Igaedis* de origem romana, tendo sido capital da *Civitas Igaeditanorum* (Carvalho, 2012). No entanto, os seus momentos áureos de desenvolvimento terão acontecido durante o período visigótico, sob o nome de *Egitânia*, tal como o atestam edifícios da Sé Catedral, o Batistério e ruínas anexas do Palácio dos Bispos. No final do século XIX, José Leite de Vasconcelos e Félix Alves Pereira realizaram os primeiros estudos monográficos dedicados à ocupação romana e à vasta coleção de epigrafia latina. Muitos outros estudos de carácter científico foram preconizados por várias outras personalidades da investigação portuguesa, como Francisco Tavares de Proença, ou Vergílio Correia (Sánchez & Morín, 2014; 2019). D. Fernando de Almeida empreendeu escavações arqueológicas no início dos anos 1950s, tendo publicado as últimas informações relativas ao espólio encontrado em 1966 na “Revista de Guimarães”, com o título “A estratigrafia observada no local do “balneum” lusitano-romano da Egitânia”, onde foram determinadas doze camadas distintas e treze níveis, de A a M. Nesses níveis foram identificados fragmentos de *lateres* e *tegulae*, *terra sigillata* do século I e II, uma marca de oleiro (*Zoilo*), bastante carvão, restos faunísticos (*Ovis-Capra*), fragmentos de cerâmica doméstica e um fragmento de prego em ferro. “Sabemos agora que no início do século I A.D. se construiu um edifício; pensamos ter sido um balneário, que pouco depois ardeu.” (Almeida & Ferreira, 1966, pp. 5–10), não se sabendo se este incêndio, terá ou não afetado o resto da *civitas* romana (Profano, 2019; Sánchez & Morín, 2019)

O estudo zooarqueológico conhecido de Idanha-a-Velha refere-se ao material recolhido nas mais recentes intervenções arqueológicas de 2014 (Sánchez & Morín, 2015), onde Estaca & Yravedra (2015, p. 159) verificaram a total ausência de dentes entre o material faunístico, tendo toda a análise sido baseada em elementos do esqueleto, com um total de 1126 restos. Os vestígios apresentam uma boa conservação, havendo um predomínio de animais domésticos, com principal incidência nos gados bovino e caprino. Os equídeos estão também presentes, ainda que quase inexistentes. Entre os ani-

mais selvagens, estão representados o veado e o javali, encontrando-se os leporídeos também presentes. De uma forma geral, todas as partes esqueléticas dos animais tendem a estar representadas, tendo sido identificadas várias marcas de corte, algumas queimaduras (sobretudo em bovinos e suínos), e poucas marcas de carni-voro. A avifauna parece estar presente no conjunto, dado a inclusão de uma fotografia com vários elementos ornitológicos. No entanto, não há qualquer menção à sua presença no corpo de texto, nem qualquer tipo de análise sobre esse material.

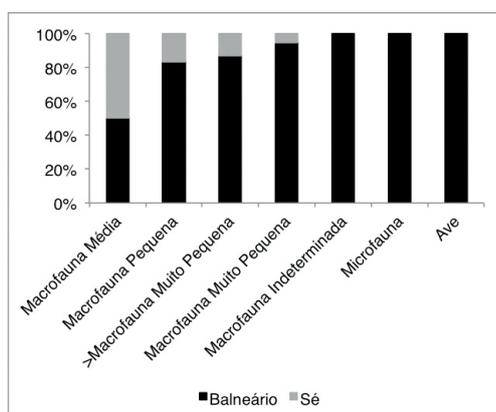
Durante as intervenções arqueológicas dirigidas por D. Fernando de Almeida, entre 1955 e 1977, no Balneário Romano e na Sé de Idanha-a-Velha, foi recolhido um pequeno conjunto faunístico. Este foi depositado no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, sem nunca antes ter sido investigado. Ainda que de muito pequena dimensão, o estudo deste espólio zooarqueológico torna-se relevante, não só devido à escassez de dados para a região e cronologia associada, mas principalmente dada a reduzida informação faunística que se encontra em qualquer escavação antiga, em que a recolha de material ósseo animal era geralmente ignorado ou pouco frequente. Assim sendo, e ainda que limitados à dimensão do conjunto, os resultados apresentados aspiram à caracterização das populações mamalógica e ornitológica encontradas em Idanha-a-Velha, com o intuito de:

- 1) avaliar o estado de conservação da coleção faunística;
- 2) aferir o agente acumulador dos restos animais;
- 3) identificar e descrever os táxones presentes;
- 4) determinar as estratégias de uso e gestão animal;
- 5) reconhecer potenciais padrões de processamento animal.

## 2. Metodologia de análise

O estudo do material faunístico recolhido nas escavações de D. Fernando de Almeida seguiu os procedimentos metodológicos descritos e sumariados em Lyman (1994) e Reitz & Wing (2008). As identificações mamalógicas e ornitológicas foram realizadas com recurso à coleção osteológica de referência do Laboratório

Fig. 1 – Origem dos vestígios zooarqueológicos recolhidos durante as escavações de D. Fernando de Almeida no Balneário Romano e na Sé distribuídos por categorias animais (NISP = 78).



de Arqueociências (LARC) da Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC), em Lisboa, complementando-se com a utilização de variados guias e atlas de identificação, como Callou (1997), Hillson (2005), Schmid (1972) para mamíferos, e Catry & alii (2010), Cohen & Serjeantson (1996) e Svensson & alii (2003) para as aves. Os dados osteométricos foram recolhidos com base nos critérios de Driesch (1976) e complementados com aqueles utilizados por Davis (1992).

As identificações taxonómicas e anatómicas permitiram o cálculo do NISP (*Number of Identified Specimens*) (Grayson, 1984; Lyman, 2008). O MNI (*Minimum Number of Individuals*) (White, 1953) e o MAU (*Minimal Animal Units*) (Binford, 1978; 1984) não foram calculados devido à muito pequena dimensão do conjunto, resultando em valores inexpressivos e pouco significativos. A idade de abate foi estimada com base na análise do estado de fusão das epífises dos ossos longos, no desgaste e substituição dentária dos animais (Brown & Chapman, 1991; Grant, 1982; Payne, 1973; 1987). Cada um dos fragmentos ósseos foi classificado de acordo com a sua dimensão em intervalos de um centímetro (ex. 0 - 1 cm, 1 - 2 cm), tendo também sido alocado a uma classe de tamanho animal: Macrofauna Grande (ex: cavalo, vaca), Macrofauna Média (todos os cervídeos), Macrofauna Pequena (ex: porco, caprinos, cão), >Macrofauna Muito Pequena (animais claramente maiores que coelhos, mas impossíveis de atribuir a uma categoria entre Macrofauna Grande e Pequena), Macrofauna Muito Pequena (ex: coelho, gato, raposa), Microfauna (pequenos roedores) e Aves (aves de todo o tipo e tamanhos).

A identificação de possíveis alterações inten-

cionais foi realizada através da avaliação das superfícies ósseas de forma macroscópica e microscópica, quando necessário. As marcas de corte foram distinguidas entre incisões, arranhões e marcas de cutelo, seguindo o modelo definido por Binford (1981) e Potts & Shipman (1981). As queimaduras foram igualmente registadas, sendo facilmente reconhecidas através da alteração da coloração natural das superfícies ósseas, progredindo numa escala de não queimadura para as cores castanha, negra, cinzenta e branca. Tais colorações estão relacionadas com a danificação óssea, estando directamente associadas à temperatura a que foram expostos os fragmentos, ou à duração da sua exposição ao calor (Nicholson, 1993; Shipman, Foster & Schoeninger, 1984; Stiner & alii, 1995). As marcas de carnívoro foram identificadas com base nos trabalhos de Binford (1981), Blumenshine (1995) e Fisher (1995), tendo sido distinguidas entre *pits*, *punctures*, arranhões, bordas denteadas e digestão. As alterações pós-deposicionais foram também aferidas, tais como a presença de concreções, marcas de roedores, actividade parasítica e dissolução por raízes.

### 3. Resultados

#### 3.1. Recolha e tafonomia

A colecção zooarqueológica das escavações antigas de Idanha-a-Velha perfaz um total de 78 restos de animais. Estes deverão ter sido recolhidos manualmente durante o processo de escavação, não devendo ter sido utilizado o recurso a crivo, dado o número reduzido de restos recuperados. A maioria dos fragmentos são de macromamíferos (93,59% ou NISP = 73) com uma muito mais ampla representação de ossos longos (79,49% ou NISP = 62) do que dentes (14,10% ou NISP = 11). Dentro dos macromamíferos, é notória a ausência de animais de muito grande porte, como a vaca ou o cavalo. As aves são o segundo grupo melhor representado, ainda que a sua presença seja pouco expressiva (3,85% ou NISP = 3), seguido da microfauna (2,56% ou NISP = 2). A maioria dos restos animais foi recuperada na área do Balneário Romano (88,46% ou NISP = 69), tendo a Sé uma muito reduzida contribuição (11,54% ou NISP = 9) (Quadro 1, Fig. 1).

	Balneário Romano			Sé			TOTAL		
	Osso	Dente	Total	Osso	Dente	Total	Osso	Dente	Total
<b>Macrofauna Média</b>									
Cervidae	1	0	1	1	0	1	2	0	2
<b>Macrofauna Pequena</b>									
Capridae	0	3	3	0	1	1	0	4	4
<i>Sus sp.</i>	1	0	1	0	0	0	1	0	1
Herbívoro	0	4	4	0	0	0	0	4	4
Indeterminado	11	1	12	3	0	3	14	1	15
<b>&gt; Macrofauna Muito Pequena</b>									
Indeterminado	18	2	20	3	0	3	21	2	23
<b>Macrofauna Muito Pequena</b>									
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	3	0	3	1	0	1	4	0	4
Leporidae	2	0	2	0	0	0	2	0	2
<i>Vulpes vulpes</i>	4	0	4	0	0	0	4	0	4
Indeterminado	8	0	8	0	0	0	8	0	8
<b>Macrofauna Indeterminada</b>									
Indeterminado	6	0	6	0	0	0	6	0	6
<b>Microfauna</b>									
Indeterminado	2	0	2	0	0	0	2	0	2
<b>Ave</b>									
<i>Alectoris rufa</i>	1	0	1	0	0	0	1	0	1
<i>Streptopelia turtur</i>	1	0	1	0	0	0	1	0	1
Indeterminado	1	0	1	0	0	0	1	0	1
<b>Total</b>	<b>59</b>	<b>10</b>	<b>69</b>	<b>8</b>	<b>1</b>	<b>9</b>	<b>67</b>	<b>11</b>	<b>78</b>

Quadro 1 – NISP (Number of Identified Specimens) calculado para o Balneário Romano e Sé de Idanha-a-Velha.

O conjunto arqueofaunístico encontra-se bastante danificado, o que é evidente pela existência de apenas oito fragmentos completos de ossos longos de mamíferos (Macrofauna Pequena = 1; Macrofauna Muito Pequena = 5; Microfauna = 2). A maioria dos fragmentos são inferiores a 3 cm (80,77% ou NISP = 63), o que tem um impacto significativo na identificação taxonómica e anatómica, que foi possível em apenas 24,36% (ou NISP = 19) do conjunto. A maioria das fracturas ósseas registadas é antiga (51,28% ou NISP = 40), ou seja, foi efectuada durante a ocupação do sítio; verificando-se apenas 38,46% do conjunto (ou NISP = 30) com fracturas recentes resultantes de actividades pós-deposicionais e/ou de escavação. A maioria das fracturas antigas apresenta uma configuração longitudinal (28,20% ou NISP = 22), o que poderá ser um indicador

de aproveitamento de medula óssea. As fracturas antigas de configuração transversal são as menos frequentes (10,26% ou NISP = 8), mas tendem a ser rectas e limpas, podendo relacionar-se com actividades de corte intencional por cutelo. O processamento de carcaças animais é confirmado pela identificação de marcas de impacto em duas diáfises de ossos longos indeterminados de mamíferos, numa marca de cutelo num osso longo indeterminado de cervídeo e uma marca de corte na epífise distal de um metápode de veado (Fig. 2). A última tem uma configuração transversal, estando provavelmente associada a actos de desarticulação da carcaça animal.

Evidências de queimadura são praticamente inexistentes, com a excepção de um fragmento de costela de Macrofauna Pequena, que apresenta uma queimadura negra. De acordo com

o trabalho experimental de Nicholson (1993), a coloração de tal queimadura é indicativa de uma exposição ao calor com temperaturas entre os 300 e os 400 °C. Outras alterações pós-deposicionais na superfície óssea, como a actividade de carnívoros ou roedores, não foram identificadas. Nenhum dos restos apresenta patologias.

### 3.2. Evidência mamalógica

Os mamíferos são o grupo animal melhor representado no conjunto zooarqueológico de Idanha-a-Velha sendo os Pequenos Mamíferos os mais comuns de entre eles (Quadro 1). Os caprinos dominam tal amostra, não sendo possível a distinção entre ovelha (*Ovis* sp.) e cabra (*Capra* sp.). Os fragmentos de dentes molares são os elementos anatómicos mais frequentes, tendo sido todos recolhidos no Balneário Romano. No entanto, foi também identificado um pré-molar 4 inferior direito de leite encontrado na Sé, revelador da presença de pelo menos um indivíduo juvenil. Os restos ósseos remanescentes atribuídos a herbívoros de pequena dimensão, deverão também corresponder a caprinos. Também de idade jovem é o único vestígio de suíno. Este consiste numa primeira falange direita encontrada no Balneário Romano e impossível de distinguir entre javali (*Sus scrofa*) ou porco (*Sus domesticus*). Nenhuma alteração da superfície óssea foi registada.

Entre os mamíferos menos frequentes na colecção encontram-se os micromamíferos, cujos dois restos (um osso longo e uma vértebra) encontrados no Balneário Romano não foram passíveis de identificação específica (Quadro 1). Muito provavelmente, tais fragmentos de microfauna reportam-se a animais intrusivos, como ratos e musaranhos, atraídos pelos restos alimentares da população humana residente.

Os cervídeos são igualmente pouco frequentes, correspondendo, certamente, à espécie *Cervus elaphus*, dada a dimensão dos fragmentos. A presença de veado na colecção é significativa, dado ser um animal não domesticado, o que indica a prática de actividades cinegéticas. Os restos foram encontrados na Sé e no Balneário Romano correspondendo, respectivamente, a um osso longo e a um metápode distal de um animal adulto. A identificação de uma marca de cutelo no osso longo e de um corte no metá-

pode distal (Fig. 2A) reforça o recurso à caça. Com base na evidência óssea reduzida, pode-se simplesmente confirmar que a carne de veado era efectivamente consumida.

A presença de animais selvagens está também atestada pela identificação de pelo menos um indivíduo de raposa (*Vulpes vulpes*). Esta está representada por um segundo metatarso esquerdo e três primeiras falanges com epífises fusionadas, indicando a presença de pelo menos um indivíduo adulto. Os ossos encontram-se bem preservados, estando completos, mas não apresentado quaisquer marcas na sua superfície (Fig. 2B). Entre o grupo da Macrofauna Muito Pequena foram encontrados seis vestígios de leporídeos, quase todos recolhidos no Balneário Romano (Quadro 1). A maioria dos restos corresponde a elementos anatómicos das patas traseiras de coelho (*Oryctolagus cuniculus*), como fémur, tíbia e metatarsos. O facto de todos os elementos estarem fusionados sugere a presença de pelo menos um indivíduo adulto (Fig. 2C). Contudo, o mesmo não se verifica com as duas vértebras torácicas de leporídeo, visto os discos vertebrais estarem ainda em fase de fusão ou não fusionados. Nenhum dos elementos de leporídeo apresenta alterações da superfície óssea. Por fim, os restos de ossos longos e de costelas não identificados especificamente, mas atribuídos ao grupo da Macrofauna Muito Pequena, são provavelmente de leporídeo dado a sua dimensão e morfologia análoga aos elementos esqueléticos desta família.

### 3.3. Evidência ornitológica

O grupo das aves está apenas representado por três vestígios, todos eles recolhidos no Balneário Romano. O elemento não identificável taxonomicamente consiste num fragmento de ulna com as tão características marcas de disposição linear resultantes da presença de penas. Os outros dois vestígios correspondem a um tibiotarso distal direito de uma perdiz (*Alectoris rufa*) e de um tarsometatarso esquerdo, quase completo, de uma rola (*Streptopelia turtur*) (Fig. 2D). Ambas as espécies terrestres são selvagens e bastante frequentes no território nacional, sendo frequente o consumo de perdiz. Porém, não foram encontradas quaisquer marcas de manipulação antrópica, nem exis-

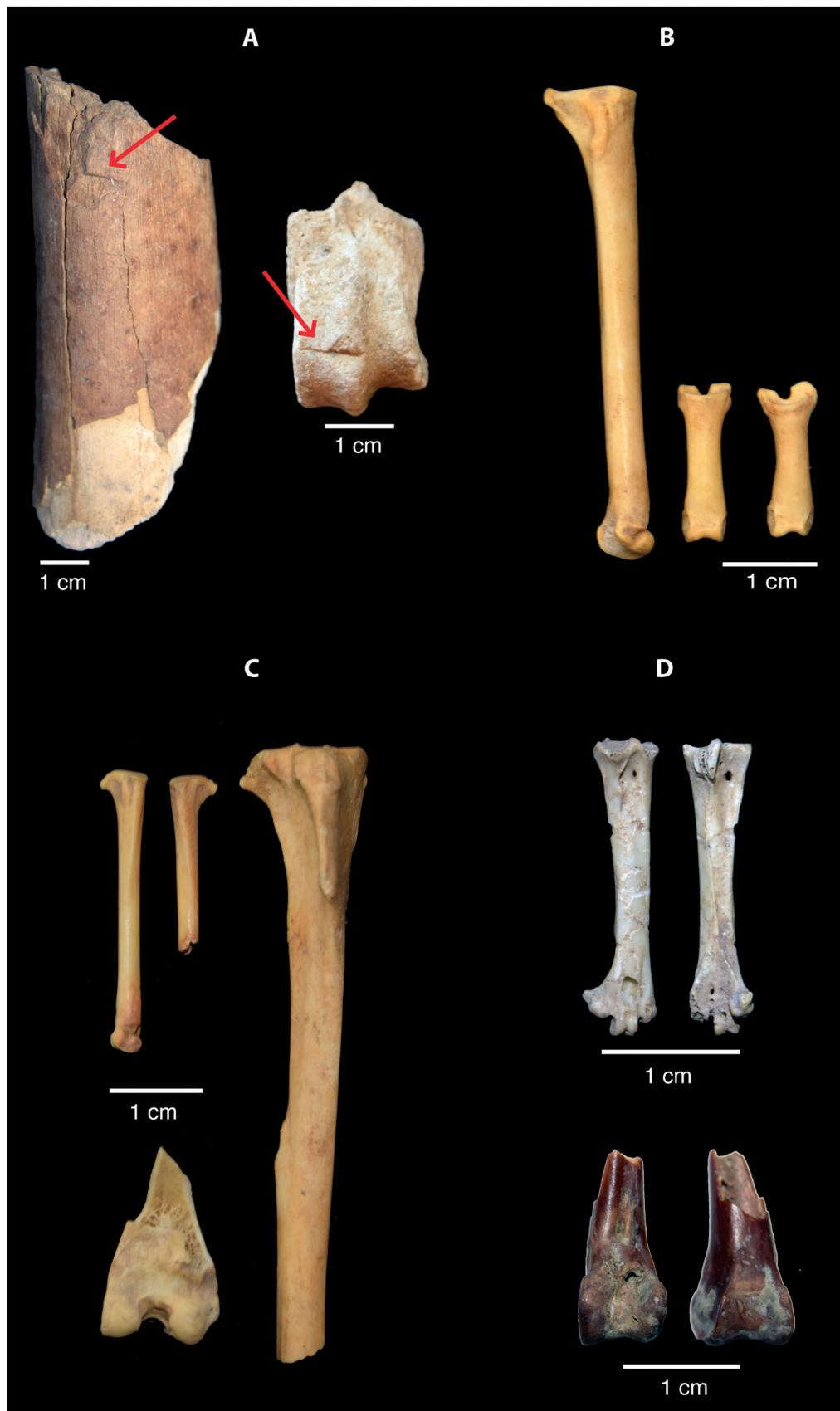


Fig. 2 – Restos animais recolhidos nas escavações dirigidas por D. Fernando de Almeida.

**A)** Osso longo de cervídeo com marca de cutelo e fragmento de metápode distal de veado (*Cervus elaphus*) com marca de corte (da esquerda para a direita).

**B)** Vestígios de raposa (*Vulpes vulpes*): segundo metatarso e duas primeiras falanges (da esquerda para a direita).

**C)** Vestígios de coelho (*Oryctolagus cuniculus*): dois terceiros metatarsos, tibia (em baixo) e fémur (à direita).

**D)** Tarsometatarso de rola (*Streptopelia turtur*) e tibiotarso distal de perdiz (*Alectoris rufa*) (da esquerda para a direita).

tem elementos esqueléticos suficientes que permitam fazer uma análise de alguma potencial preferência de parte anatómica do animal que pudesse indiciar o agente acumular dos vestígios encontrados.

## 4. Discussão

### 4.1. Acumulação de restos zooarqueológicos

Os vestígios faunísticos encontrados em sítios arqueológicos podem ser acumulados por diferentes agentes, tais como: (1) agentes naturais, como por exemplo deposições de animais mortos naturalmente, por acção de incêndios acidentais, força de marés, entre outras catástrofes naturais; (2) acumulação por carnívoros (como cães, raposas, hienas) e/ou por aves de rapina (como falcões, águias, mochos); e (3) por actividade antropogénica, como caça, domesticação, consumo e processamento de carcaças animais. As acumulações por agentes naturais, tendem a conservar animais completos de forma articulada. Caso fiquem expostos aos elementos, é comum a identificação de marcas pós-deposicionais, como *weathering*, actividade parasítica e/ou de dissolução por raízes. As acumulações por carnívoros ou aves de rapina, apresentam frequentemente marcas de dentes, de bicadas, de digestão e presença preferencial de partes anatómicas detentoras de maiores quantidades de carne ou tutano. As acumulações antropogénicas tendem a apresentar marcas de processamento de carcaças, queimaduras, e selecção de partes anatómicas dependendo das actividades preconizadas (ex. consumo, comércio, ritual, entre outras).

As escavações de 2014 apresentam um espólio zooarqueológico (Estaca & Yravedra, 2015) com restos bem conservados sendo, por isso mesmo, surpreendente a ausência de vestígios dentários, uma vez que estes tendem à boa preservação dado a sua robustez. É assumido que a acumulação dos vestígios faunísticos é devida a actividades antropogénicas, deduzindo-se que as marcas de dentes são de carnívoros que deverão ter tido acesso às carcaças após consumo humano. As escavações antigas de D. Fernando de Almeida contrastam com esta realidade na medida em que apresentam uma colecção faunística substancialmente mais reduzida, mais fragmentada, mas

com presença de restos de dente. A maioria dos vestígios deverão resultar de uma acumulação antrópica, visto a maior parte dos táxones representados integrarem a dieta humana. A razoável representação de animais domésticos e a presença de algumas marcas de corte/cutelo e de queimadura suportam a sugestão de uma acumulação antrópica dos vestígios. A ausência de marcas de carnívoro e a reduzida representação destes animais no conjunto estudado, sugere a sua não intervenção na acumulação do espólio e o não acesso aos restos ósseos descartados. No entanto, foram identificados elementos esqueléticos de raposa, sendo difícil determinar o motivo da sua presença. Por fim, os restos de micromamíferos e de rola parecem ser resultantes de actividades naturais. Os micromamíferos são comuns em aglomerados humanos, por serem atraídos pelos restos alimentares aí acumulados. A rola deverá ter integrado o registo arqueológico acidentalmente talvez por morte natural, visto não existirem quaisquer tipos de modificações da superfície óssea.

### 4.2. Utilização animal em Idanha-a-Velha

À semelhança das escavações de 2014, o conjunto faunístico recolhido durante os trabalhos de D. Fernando de Almeida é quase exclusivamente constituído por mamíferos. As escavações recentes detectaram a predominância de animais de grande porte, principalmente de vaca (*Bos taurus*), estando também alguns equídeos presentes (Estaca & Yravedra, 2015, p. 160). Considerando que os elementos esqueléticos destes animais são de considerável dimensão, a sua ausência do espólio das escavações antigas dever-se-á à decisão de não recolha de tal material.

Os únicos animais seguramente domésticos representados no presente conjunto são os caprinos. O vestígio de suíno não possibilita a identificação à espécie, mas parece possível que o javali pudesse estar representado na medida em que foi registado por Estaca & Yravedra (2015, p. 161), ainda que não tenha sido facilitada a metodologia utilizada para tal identificação. De qualquer forma, tanto o gado caprino como o gado suíno deverão ter sido mantidos em Idanha-a-Velha. A produção local de caprinos é indicada pela presença de

partes anatómicas com menor potencial calórico, como os dentes, e a presença de juvenis. Tanto os caprinos como os suínos são de fácil manutenção e, por isso mesmo, poderão ter sido cuidados por pequenos grupos familiares que os consumiriam de acordo com as necessidades diárias. Ainda que a carne seja o recurso de mais evidente utilização, há que referir o potencial dos recursos secundários como o leite, a lã e a pele.

Os recursos domésticos seriam complementados pela actividade cinegética. Há claras evidências do consumo de veado (*Cervus elaphus*), se bem que não é possível aferir se a caça era realizada pela população local, ou se esta tinha acesso a apenas partes do animal.

O caso da raposa (*Vulpes vulpes*), é uma situação particular. Sendo um animal selvagem, não pertence ao rol de recursos alimentares humanos. A sua presença no conjunto poderá ser acidental, correspondendo a uma morte natural do animal. As raposas são frequentes em assentamentos populacionais de significativa dimensão, visto a sua actividade comensal que se aproveita dos desperdícios alimentares depositados nas lixeiras. Porém, há que considerar o valioso recurso por elas disponibilizado, a pele. Ainda que os elementos recolhidos não apresentem quaisquer alterações da superfície, é evidente a exclusividade dos ossos distais da pata, que estão geralmente associados à pele removida do animal (Charles, 1997). No entanto, esta hipótese não pode ser confirmada.

Entre as aves, a perdiz (*Alectoris rufa*) é frequentemente encontrada em conjuntos faunísticos do interior do país, fazendo parte da dieta romana (por exemplo, Nabais & Costa, 2018). Contudo, tal conclusão não poderá ser confirmada para o caso de Idanha-a-Velha, dado a escassez dos dados e a total ausência de marcas de processamento de carcaça.

No caso da rola (*Streptopelia turtur*), a sua presença no registo arqueológico deverá ser acidental.

## 5. Conclusão

O conjunto zoológico de Idanha-a-Velha das intervenções arqueológicas realizadas por D. Fernando de Almeida, é inédito, uma vez que terá sido armazenado no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa) sem estudo prévio. A sua análise revela uma colecção de reduzida dimensão, mas ainda assim indicadora de importantes dados relativamente à subsistência da população local. Com base na análise tafonómica e dos padrões de distribuição esquelética dos táxones identificados, é evidente que a acumulação dos vestígios é devido a uma acção antrópica, associada ao consumo de carne e eventual utilização de recursos secundários, como o leite, a lã e a pele.

A maioria dos vestígios corresponde a animais mamíferos. Ainda que não tenham sido identificadas espécies de grande porte, como a vaca, evidências das escavações recentes de 2014 indicam que estes animais deverão ter sido domesticados e consumidos. A sua ausência do conjunto aqui estudado deve-se, muito provavelmente, a métodos de registo e escavação antigos que ignoravam a crivagem dos sedimentos e a recolha sistemática de vestígios faunísticos. Os caprinos são os únicos animais indubitavelmente domésticos mantidos pela população local, sendo também possível a existência de gado suíno. No entanto, a dieta da população de Idanha-a-Velha seria seguramente complementada por animais selvagens, como o veado, podendo a perdiz também fazer parte deste grupo. A presença de restos de raposa poderá ser devida à exploração da pele deste animal, mas tal sugestão não é possível de ser confirmada dado a escassez de dados.

**Bibliografia citada**

- BINFORD, Lewis (1978) – *Nunamiut Ethnoarchaeology*. New York, NY: Academic Press.
- BINFORD, Lewis (1981) – *Bones: ancient men and modern myths*. New York, NY: Academic Press.
- BINFORD, Lewis (1984) – *Faunal remains from Klasies River Mouth*. New York, NY: Academic Press.
- BLUMENSCHINE, Robert (1995) – Percussion marks, tooth marks, and experimental determinations of the timing of hominid and carnivore access to long bones at FLK Zinjanthropus, Olduvai Gorge, Tanzania. *Journal of Human Evolution*. 29, pp. 21–51.
- BROWN, W.A. Barry; CHAPMAN, Norma (1991) – The dentition of red deer (*Cervus elaphus*): a scoring scheme to assess age from wear of the permanent molariform teeth. *Journal of Zoology*. 224, pp. 519–536.
- CALLOU, Cécile (1997) – Diagnose différentielle des principaux éléments squelettiques du lapin (genre *Oryctolagus*) et du lièvre (genre *Lepus*) en Europe Occidentale. Valbonne-Sophia Antipolis: Centre de Recherches Archéologiques du CNRS, pp. 3–20.
- CALLOU, Cécile (2003) – De la garenne au clapier: étude archéozoologique du lapin en Europe occidentale. Paris: Muséum National d'Histoire Naturelle.
- CARVALHO, Pedro C. (2012) – A caminho do Douro na época romana. Da capital da civitas Igaeditanorum aos territórios dos Lancienses, Araui, Meidubrigenses e Cobelci. In CUBAS MARTÍN, Noemí; HIDALGO RODRÍGUEZ, David, SALINAS DE FRÍAS, Manuel, eds. – *Arqueología, Patrimonio, Prehistoria e Historia Antigua de los pueblos sin pasado. Ecos de la Lusitania en Arribes del Duero*. Salamanca: Universidad, pp. 125–138.
- CATRY, Paulo; COSTA, Helder; ELIAS, Gonçalo; MATIAS, Rafael (2010) – *Aves de Portugal: ornitologia do território continental*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- COHEN, Alan; SERJEANTSON, Dale (1996) – *A manual for the identification of bird bones from archaeological sites*. London: Archetype Publications.
- CHARLES, Ruth (1997) – The exploitation of carnivores and other fur-bearing mammals during the north-western European Late Upper Palaeolithic and Mesolithic. *Oxford Journal of Archaeology*. 16, pp. 253–277.
- DAVIS, Simon (1992) – *A rapid method for recording information about mammal bones from archaeological sites*. London, Historic Buildings and Monuments Commission, Ancient Monuments Laboratory.
- DRIESCH, Angela von den (1976) – *A guide to the measurement of animal bones from archaeological sites*. Harvard: Peabody Museum of Archaeology and Ethnology, Harvard University.
- ESTACA GÓMEZ, Verónica; YRAVEDRA SAINZ DE LOS TERREROS, José (2015) – Anexo relatório arqueozoológico. In SÁNCHEZ RAMOS, Isabel; MORÍN DE PABLOS, Jorge, eds. – *Idanha-a-Velha. Portugal. Paço dos Bispos de Idanha-a-Velha (campanha de escavação 2014)*. Madrid: Audema, pp. 159–171.
- FISHER, John (1995) – Bone surface modifications in zooarchaeology. *Journal of Archaeological Method and Theory*. 2, pp. 7–68.
- GRANT, Annie (1982) – The use of tooth wear as a guide to the age of domestic ungulates. In WILSON, Bob; GRIGSON, Caroline; PAYNE, Sebastian, eds. – *Ageing and sexing animal bones from archaeological sites*. Oxford: Archaeopress, pp. 91–108.
- GRAYSON, Donald (1984) – *Quantitative zooarchaeology*. London: Academic Press.
- HILLSON, Simon (2005) – *Teeth*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LYMAN, R. Lee (1994) – Quantitative units and terminology in zooarchaeology. *American Antiquity*. 59, pp. 36–71.
- LYMAN, R. Lee (2008) – *Quantitative paleozoology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- NABAIS, Mariana; COSTA, Cláudia (2018) – Birds of the Roman villa of Almoinhas (Loures, Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 21, pp. 131–139.
- NICHOLSON, Rebecca (1993) – A morphological investigation of burnt animal bone and an evaluation of its utility in archaeology. *Journal of Archaeological Science*. 20, pp. 411–428.
- PAYNE, Sebastian (1973) – Kill-off patterns in sheep and goats: the mandibles from Asuan Kale. *Anatolian Studies*. 23, pp. 281–303.
- PAYNE, Sebastian (1987) – Reference codes for wear states in the mandibular cheek teeth of sheep and goats. *Journal of Archaeological Science*. 14, pp. 609–614.
- POTTS, Richard; SHIPMAN, Pat (1981) – Cutmarks made by stone tools on bones from Olduvai Gorge, Tanzania. *Nature*. 291, pp. 577–580.
- PROFANO, João (2019) – Fernando de Almeida and the archaeological excavations conducted in Idanha-a-Velha (Portugal) from 1955 to 1977. In SÁNCHEZ RAMOS, Isabel; MORÍN DE PABLOS, Jorge, eds. – *De civitas Igaeditanorum a Laydaniyya. Paisajes urbanos de Idanha-a-Velha (Portugal) en épocas tardoantigua y medieval*. Oxford: Archaeopress, pp. 31–48.
- REITZ, Elizabeth; WING, Elizabeth (2008) – *Zooarchaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.

SÁNCHEZ RAMOS, Isabel; MORÍN DE PABLOS, Jorge (2014) – *Idanha-a-Velha. Portugal. El Episcopio de Egíptania en Época Tardoantigua*. Madrid: Audema.

SÁNCHEZ RAMOS, Isabel; MORÍN DE PABLOS, Jorge (2015) – *Idanha-a-Velha. Portugal. Paço dos Bispos de Idanha-a-Velha (campanha de escavação 2014)*. Madrid: Audema.

SÁNCHEZ RAMOS, Isabel; MORÍN DE PABLOS, Jorge (2019) – *De civitas Igaeditanorum a Laydaniyya. Paisajes urbanos de Idanha-a-Velha (Portugal) en épocas tardoantigua y medieval*. Oxford: Archaeopress.

SCHMID, Elisabeth (1972) – *Atlas of animal bones*. London: Elsevier.

SHIPMAN, Pat; FOSTER, Giraud; SCHOENINGER, Margaret (1984) – Burnt bones and teeth: an experimental study of color, morphology, crystal structure and shrinkage. *Journal of Archaeological Science*. 11, pp. 307–325.

STINER, Mary; KUHN, Steven; WEINER, Stephen; BAR-YOSEF, Ofer (1995) – Differential burning, recrystallization, and fragmentation of archaeological bone. *Journal of Archaeological Science*. 22, pp. 223–237.

SVENSSON, Lars; GRANT, Peter; MULLARNEY, Killian; ZETTERSTROM, Dan (2003) – *Guia de aves: guia de campo das aves de Portugal e Europa*. Lisboa: Assírio & Alvim.

WHITE, Theodore E. (1953) – A method of calculating the dietary percentage of various food animals utilized by aboriginal peoples. *American Antiquity*. 18, pp. 396–398.